

*Estanca*, de Lia Miranda, é um livro que pendura a vida de uma mulher entre duas árvores: a Barriguda e o Ipê. Entre essas duas imagens tão delicadas quanto graves, há um percurso costurado com a mais fina poesia. As três partes da obra compõem uma estrutura de diário íntimo e doméstico. Mas aqui o diário, tratado pelo talento poético da autora, restringe-se apenas ao que é essencial para. Tudo que é supérfluo se descarta, em função daquilo que revela a condição existencial, política e humana da voz.

E tal condição só se revela através daquele que pode ser considerado o tema fundamental de *Estanca*: a palavra, a escrita e o quanto elas são talvez as formas mais adequadas à expressão da dor, da esperança, dos desejos e da beleza que existe em permanecer viva e em busca. Por isso, a poética de Lia Miranda se apresenta como algo prosaico, trivial, cotidiano e orgânico. Nunca é à toa o recurso às imagens da natureza que se apresentam sempre na relação com a voz que fala ao leitor. É o que ocorre, por exemplo, com a espera da chuva, tão constante que equivale a certo tipo de simbologia da prisão dos horizontes e da voz poética.

O tom escolhido por Lia Miranda para falar da vida, da natureza e dos sentimentos é extremamente preciso. Ele diz respeito a uma dialética entre o grito e o poema, entre o falar e o silêncio, entre sentimentos que se lançam ao mundo e sentimentos que se guardam bem fundo. Esta dicção, tendencialmente expressa em modo menor, abastece-se ainda de uma certa raiva calma, que é a força da poesia

contra “a vitalidade arrogante das coisas úteis”. Mas escrever não é só espaço de desconforto e de confronto. A escrita em *Estanca* é também espaço de descanso e de depuração, um espaço aberto à catarse dos sentimentos, que cria as condições necessárias para a elaboração da dor e que permite à vida florir novamente.

Assim, o saldo poético de *Estanca* é sempre positivo e a favor de uma lúcida percepção de que a vida precisa ir adiante, apesar da sombra de morte e da impressão de sangue que se grava em muitos dos textos, tanto quanto na vida de cada um de nós. Poesia escrita pelo prisma feminino e que jamais se simplifica na pura afirmação, a arte de Lia Miranda conserva-se sempre bela e profundamente visceral.

O que a obra nos dá é a poesia, mais como sentido do que como sentimento; como uma espécie de tato. *Estanca* deixa a pele sobre a realidade de cada coisa, de cada sentimento para deixar-se realizar e vencer o destino da mulher entregue ao silêncio. Diz-nos a autora: “Procuro a forma que fale aquilo que emudeço”. O falar, todavia, porque é sobretudo poesia, jamais se anuncia absoluto e desvestido de humildade, posto que é dono de uma sabedoria relacionada ao tamanho da realidade que, às vezes, se impõe avassaladora sobre a palavra: “O sangue que perdi não foi de metáfora/nem os filhos./Me deixe em paz”.

O principal convite que nos faz *Estanca* é para que possamos estar abertos a imergir nesse tecido de tempos, composto

pela sua prosaica poesia. São tempos que passam por nós e para nós, dentro e fora, no ventre da mãe ou na natureza, interconectados dinamicamente. A tarefa do leitor desta poesia é encontrar para tal dinâmica um sentido, que o livro anuncia sempre, com a sutileza de quem abraça uma fé e constrói para si uma mitologia simples, uma religião humana, que não deseja outra coisa além de melhor entender que destino é digno de nós, que destino está à altura de nossas melhores e mais comezinhas esperanças. Um compreender que deriva do sentir é o melhor presente que dá a poesia; e este presente está aqui oferecido, em cada página deste belíssimo *Estanca*.

*Alexandre Pilati.*

